

## A chama da caridade



Caros irmãos e irmãs,

900 anos atrás os nossos primeiros pais cistercienses com as suas comunidades fizeram com que fosse aprovado pelo Papa Calisto II um texto que animasse as relações entre os mosteiros como a Regra de São Bento anima as relações entre os membros de uma comunidade.

Chamaram a este texto *Carta caritatis* – *Carta de caridade*, para que este documento permitisse à família monástica nascente de Cister crescer na comunhão fraterna, e refletir assim na Igreja e no mundo a luz divina do Amor trinitário.

Durante este ano há muitas iniciativas de celebração e de estudo para comemorar este aniversário importante, porque de fato a aprovação deste documento assinala o nascimento da Ordem Cisterciense enquanto Ordem monástica canonicamente constituída e organizada. Nos vários congressos, simpósios e encontros comemorativos previstos no mundo inteiro muitos aspectos da *Carta caritatis* serão aprofundados, e isto nos ajudará certamente a ser mais conscientes da nossa identidade, do valor do nosso carisma, da missão que o Espírito Santo nos confiou e que a Igreja reconheceu e abençoou com a autoridade que Cristo outorgou a Pedro.

### O ponto central

Nesta Carta de Pentecostes irei concentrar-me sobre um único ponto da *Carta caritatis*, o ponto central, que se destaca para que nós Cistercienses, e aqueles que de vários modos estão envolvidos com o nosso carisma, possamos reavivar hoje a chama que foi acesa há 900 anos e que, não obstante tantas fragilidades e infidelidades humanas, não cessou de arder através dos séculos. Este ponto central é a própria chama: a caridade.

Os problemas e as dificuldades no viver hoje a nossa vocação são múltiplos e não são novos. Mas o confronto constante com estes problemas, assim como o fato de encontrarmos-nos sempre mais frequentemente unidos no desejo e no empenho de enfrentá-los e resolvê-los, fazem ressaltar sempre mais uma pergunta essencial: Que coisa nos une? Porque caminhamos juntos? São, talvez, os problemas, as dificuldades e as fragilidades que nos unem? São só as leis canônicas, os compromissos assumidos com nossos votos que nos unem? Não há qualquer coisa de mais profundo?

Esta pergunta se torna mais aguda à medida que percebemos que frequentemente todos estes fatores, e o empenho para enfrentá-los e vivê-los, não nos unem realmente. Muitos fogem da comunhão entre nós, ou nas suas comunidades, justamente para não enfrentar os problemas ou porque não suportam mais uma fidelidade baseada só nas leis e no compromisso assumido com os votos.

É no meio desta situação na qual nos parece ser cada vez mais poucos a assumir alegremente uma responsabilidade pela Ordem, o seu carisma e a sua vocação e missão, que este ano é como se o carteiro tocasse nossa campanha para entregar-nos mais uma vez uma carta enviada há 900 anos. A data do carimbo postal nos surpreende: 23 de dezembro de 1119! Abrimos a carta com tremor e curiosidade, e, surpresa!, descobrimos que é uma carta de amor! Ficamos um pouco ruborizados, pois não estamos habituados a recebê-las. Lendo-a, nos surpreende o seu frescor. Tem 900 anos, e é tão atual, tão adaptada a nós hoje! Onde lhe vem esta novidade permanente? Vem propriamente do fato de colocar no centro o amor, a caridade, e de ajudar-nos a compreender como podemos enfrentar as dificuldades e os problemas, mas sobretudo a viver a nossa vocação e missão, a partir deste centro, deixando-o irradiar sobre o nosso estar juntos e sobre as situações frágeis e difíceis que enfrentamos.

### **Uma pergunta fundamental**

A *Carta caritatis*, então, nos alcança colocando-nos uma pergunta fundamental: Vivemos a nossa vocação à luz da caridade? A vivemos com amor? Caminhamos juntos na caridade? Estamos unidos na caridade? Vivemos o fato de pertencer à Ordem como comunhão de caridade?

Quando um homem enamorado escreve uma carta de amor para a sua amada, antes de tudo declara o seu amor por ela, depois pede à amada que declare o seu amor por ele. Talvez não somos mais suficientemente sensíveis a isto, mas nos faria bem ler os textos fundamentais da nossa fé e vocação como declarações de amor que reclamam o amor. Não é isto, talvez, a Sagrada Escritura, o Evangelho? Não é talvez isto a Regra de São Bento, ou as obras dos nossos autores? E é isto também a *Carta caritatis* de Santo Estêvão Harding e dos seus contemporâneos. Devemos realmente sentir-nos amados, privilegiados, por um texto que há 900 anos se preocupa de fazer viver com plenitude a nossa vocação, e que por isto estabelece e aconselha gestos e momentos de comunhão de vida e de oração, de formação, de correção recíproca para purificar-nos constantemente da nossa tendência a deixar esfriar o “primeiro amor”, a nos amornar na vocação fundamental, aquela de “nada preferir ao amor de Cristo” (RB 4,21).

## A tentação da tepidez

O que é a tepidez, aquela que na Igreja de Laodicéia desgosta tanto a Cristo mesmo, a ponto de dar-lhe náusea (cf. Ap 3,15-16)? Ser tépido, mornos, nem quente nem frio, quer dizer adaptar-se à temperatura do ambiente circunstante. A tepidez é a temperatura do mundo. Ser tépidos quer dizer, no fundo, ser mundanos. É triste ver como frequentemente nos tornamos mundanos, conformados ao mundo e à sua vaidade, em tudo aquilo que, ao contrário, deveria dar-nos uma temperatura diversa, mesmo no viver aquilo que todos vivem: a oração, o trabalho, o repouso, as relações humanas... A tepidez é a tentação na qual deslizamos mais facilmente, porque o fervor no Espírito Santo se perde um pouco como se esfria um café, ou se aquece uma bebida refrescante: lentamente o líquido que não é aquecido ou resfriado adquire a temperatura ambiente, e se perde o gosto e o prazer de bebê-lo.

É uma experiência que fazemos todos. Perdemos o fervor, o entusiasmo, a alegria no viver a vocação. Perdemos o gosto do que uma volta nos inflamava, o gosto, por exemplo, da Palavra de Deus, ou da oração comum, ou ainda o gosto da vida fraterna, o gosto do nosso serviço à comunidade, à Ordem e à Igreja. Mas contra essa tepidez não se combate com as garrafas térmicas que mantêm artificialmente o fervor original. Não basta *conservar*: se deve *alimentar* o calor, a chama que direta e constantemente aquece a temperatura do coração e da vida. Não é talvez este o método de cada disciplina monástica, o escopo de tudo aquilo que a Regra de São Bento nos aconselha e prescreve? A repetição fiel dos gestos e dos momentos de comunhão com Deus e com os irmãos luta contra ao inexorável arrefecimento no qual escorregamos, ou para o qual somos atraídos pelo fascínio ilusório da mundanidade.

O fogo do qual temos necessidade e que devemos sempre alimentar é a caridade, a caridade de Deus que nos é comunicada pelo Espírito Santo. Um hino de Terça nos faz pedir ao Espírito: "*flammescat igne caritas* – a caridade se inflame de fogo". Para isto é importante, como nos ensina a *Carta caritatis*, que nos ajudemos a manter viva entre nós e em nós a chama do amor de Cristo.

## Bem sabiam que era o Senhor

Como isto acontece? Como reascendeu Jesus nos discípulos, sempre de novo, o ardor da caridade?

Quando meditamos os Evangelhos da Ressureição, notamos uma constante: que o manifestar-se misterioso do Senhor faz arder de amor e alegria o coração dos discípulos. Além da cena de Emaús, na qual este ardor do coração é descrito explicitamente (cf. Lc 24,32), gosto de contemplar a cena daquela aurora na qual Jesus ressuscitado apareceu na margem do lago de Tiberíades. Depois da pesca milagrosa e depois de Pedro ter descarregado da barca os 153 grandes peixes, Jesus convida aos discípulos a partilhar o desjejum que Ele mesmo lhes preparou. Encontram "um fogo de brasas com um peixe em cima, e pão" (Jo 21,9). Depois de ter pedido aos sete discípulos de colocar junto ao fogo alguns dos peixes que haviam pescado, Jesus os convida com simplicidade: "Vinde comer".

João acrescenta: “Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: ‘Quem és?’, porque sabiam bem que era o Senhor. Jesus se aproximou, tomou o pão e lhos deu, e fez o mesmo com o peixe.” (Jo 21,12-13)

Não é difícil imaginar a alegria com que os discípulos cansados e desiludidos viveram aquele momento de comunhão e partilha. No silêncio do alvorecer, na luz dourada da aurora sobre o lago, o estar com Jesus era uma experiência total, completa. Não podiam querer outra coisa, imaginar beleza e paz maiores que esta. Sentiam-se amados, repletos de amor, porque Jesus estava vivo e com eles. Para eles o amor coincidia com a presença viva de Cristo. E a experiência deste amor lhes tornava capazes de amar, de amar o amor de Jesus, a sua presença, e em torno deste fogo de amor, sentiam-se plenos de amor por todos e por tudo: de amor entre eles, por cada um deles, de amor pelas suas famílias, pelos discípulos ausentes, e por toda a humanidade. De amor também por aquela margem, pelas colinas e pelo mar, pelo céu, o sol e o ar, pelos pássaros e os peixes, por todo o universo. Jesus, que os convidava a estar com Ele, a estar simplesmente com Ele, era um fogo que inflamava de caridade seus corações, e toda a realidade.

### **O amor que renova**

Toda a novidade do amor cristão não é aquilo que se faz para Deus ou para os outros. A novidade é de onde irradia o amor de Deus e do próximo: a novidade é aquele fogo que Cristo ascendeu para nós, para fazer-nos experimentar a beleza da sua presença. O peixe e o pão que assam sobre o fogo de brasas aceso por Jesus são símbolos da paixão e da morte, são símbolos da Eucaristia. O fogo da caridade se alimenta com o lenho da Cruz para nos dar o próprio Cristo como alimento e bebida, a ser assimilado e doado.

Santo Agostinho recorda que a novidade do “mandamento novo” nos dado por Jesus não está tanto no amar ao próximo como a si mesmo, porque já o Antigo Testamento o comandava. A novidade do mandamento novo é que “nos desveste do homem velho para revestir-nos do novo”. Amar como Cristo nos ama é um mandamento novo porque é um amor que nos renova (cf. *Tratados sobre o Evangelho de São João*, 65,1). O mandamento de Jesus é novo porque renova o nosso amor com a chama do seu amor pascal.

Também Pedro, imediatamente depois da cena em torno ao fogo sobre a margem do lago, compreende que pode dizer a Jesus: “Tu sabes que eu te amo!” (cf. Jo 21,15-17) porque esta caridade não é mais alguma coisa que atinge de si mesmo, mas o reflexo e a irradiação do amor que sente arder em si estando com Jesus, unindo-se a Ele.

## **Uma só coisa com Cristo**

A grande novidade é que a caridade é acesa em nós pela união com Jesus Cristo.

Os discípulos reunidos com Ele junto ao redor do fogo, do peixe assado e do pão, sentem-se invadidos pelo ardor simples e alegre da comunhão com Ele. Talvez se recordaram naquele momento de uma palavra que Jesus havia dito sobre si mesmo quando falava com eles sobre o bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. Dizia: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). Intuíam que esta comunhão com o Pai era como uma chama que acendia constantemente em Jesus um amor sem limites. Depois da sua ressurreição, os discípulos compreenderam que podiam dizer isto de si mesmos com respeito a Ele, e que esta era a chama que alimentava também neles um amor infinito. Deus nos envolve tão profundamente no amor que Ele mesmo é, que cada um de nós pode dizer: “Eu e Cristo somos um”; e podemos dizê-lo na consciência eclesial que esta comunhão com Jesus nos torna um só entre nós. Também o meu irmão, a minha irmã, é uma só coisa com Cristo como eu, e nada nos pode unir mais estreitamente do que este mistério. A Igreja vive da consciência que todos nós somos uma só coisa com Cristo. E no ser uma só coisa com o Filho, o somos também imediatamente com o Pai, na comunhão do Espírito: “Naquele dia sabereis que eu estou no Pai e vós estais em mim e eu em vós” (Jo 14,20).

A união com Cristo, experiência irradiante da sua caridade trinitária, é o princípio seguro da nossa fecundidade. Nós, frente aos desafios da vida, da vocação e da missão que o Senhor nos confia, vivemos frequentemente com o temor de não sermos capazes, de não conseguir. E duvidamos ainda mais que os outros sejam capazes de mudar. Esquecemos que Deus nos fez antes de tudo capazes da união com Ele, e mais: que Cristo já nos fez uma só coisa com Ele em virtude da sua morte e da sua ressurreição, com a graça da fé, do Batismo, da Eucaristia e de todos os sacramentos, fazendo-nos membros do seu corpo, a Igreja. A graça de ser unidos a Cristo é tudo, e nos faz capazes de tudo aquilo que Deus quer de nós. A comunhão com Cristo é a graça sempre concedida e renovada. Quem acolhe e cultiva esta graça, vê que tudo se torna graça, mesmo a missão mais gravosa, mesmo a prova mais difícil.

## **Herança e empenho**

Acolher esta graça torna possível o cumprir-se e o renovar-se da nossa vocação, de cada vocação. Pedindo-nos na *Carta caritatis* que vivamos toda a nossa vocação à luz e com o ardor da caridade, os nossos primeiros pais cistercienses nos deixaram em herança o segredo de um renovamento sempre possível, alimentado essencialmente pela graça de sermos uma só coisa com Jesus Cristo. Quando sentimos a necessidade e a urgência deste renovamento, pessoal ou comunitário, devemos então perceber o chamado de Cristo mesmo a deixar-nos inflamar da chama da caridade na comunhão com Ele. Não devemos, contudo, dissociar a caridade da comunhão com Cristo, que nos une ao Pai no dom do Espírito Santo, porque só Deus é caridade, e só unidos a Ele nos tornamos “partícipes da natureza divina” (2Pe 1,4).

O nosso maior erro é esquecer que Jesus nos disse, exatamente enquanto nos pedia que nos amássemos uns aos outros, que sem Ele nada podemos fazer (cf. Jo 15,5). Definir a caridade fora do ser unidos a Cristo faz o amor se tornar um projeto nosso, uma obra nossa destinada à falência. Não devemos decidir amar, mas estar unidos a Cristo que nos torna capazes de amor como Ele nos amou, de amar-nos entre nós e de amá-lo em cada pessoa que encontramos.

Só esta caridade irradiante da comunhão com Cristo transforma as nossas vidas e as nossas comunidades. As transforma tornando-nos instrumentos da edificação do Reino de Deus, porque “a caridade edifica” (1Cor 8,1). Transforma-as com misericórdia, porque a caridade “cobre uma multidão de pecados” (1Pe 4,8), os nossos e os dos outros. Transforma-as unificando-as, porque Cristo é o centro unificante de toda a realidade criada. Transforma-as fazendo-nos passar “da morte à vida, para que amemos aos irmãos” (1Jo 3,14). Transforma-as mudando a nossa tristeza em uma alegria em nós e entre nós maior que a nossa: a alegria plena de Cristo (cf. Jo 15,11).

Mas esta herança é também um campo onde nos é solicitado trabalhar. Cada herança se mantém viva se torna-se um empenho. Somos herdeiros de um carisma que nos solicita construir moradas, comunidades, de construir juntos uma família de mosteiros, e não museus ou clubes de individualistas. A *Carta de caridade* nos ensina a acolher o dom da caridade como uma semente que quer dar muito fruto. Ensina-nos também a corresponder ao fato de que a caridade em nós pode alimentar-se só na comunhão com o Senhor ressuscitado.

Como nos é dado e solicitado então cultivar a união com Jesus, que faz jorrar em nós e entre nós a sua caridade?

Pode-se dizer que Cristo nos une a Si na medida na qual aceitamos e cultivamos o estar unidos aos sinais e instrumentos da sua presença. A *Carta caritatis*, como a Regra de São Bento, insiste então que nos unamos antes de qualquer coisa ao corpo eclesial formado pelo nosso carisma, que não negligenciamos o pertencer prioritariamente à nossa comunidade e à “comunidade de comunidades” que forma a nossa Ordem e toda a Família Cisterciense. Ensina-nos a encontrar-nos uns aos outros, a trabalharmos juntos, a corrigir-nos mutuamente com misericórdia, e a ter sempre uma comunhão de oração que nos acolhe em cada comunidade como se fosse a nossa.

Devemos ser gratos aos nossos pais de ter-nos enviado esta carta de amor que nos convida a tudo isto. Mas devemos responder a esta carta.

Deus nos conceda responder com a carta da nossa vida, e que seja também esta uma carta de amor!



*Ir. Mauro-Giuseppe Lepori OCist*  
*Abade Geral*